

PROJETO GUIGNARD

Ana Maria de Paula Alves, professora do ensino médio e residente em Ouro Preto. Entrevista realizada no dia 10 de janeiro de 2003, no Museu Casa Guignard.

Gélcio: Ana Maria, como foi o seu contato com Guignard?

Ana Maria: Era verão, há cerca de 40 anos atrás. Eu tinha umas amigas que vinham do Rio de Janeiro, passar essa época de calor em minha rua. A Marina, a Solange, a Lourdes.

Gélcio: Você já morava na rua Henri Gorceix?

Ana Maria: Já, eu nasci na casa onde moro. Essas moças eram netas da D. Daisy Medrado, casada com o Dr. Odorico, proprietário anterior da atual *Casa do ex-aluno da Escola de Minas*. Era uma senhora requintada, falava muito bem o francês. A gente não entendia, mas gostava da maneira dela falar. Ela vinha com as netas passar o verão em Ouro Preto. Eu gostava de desenhar, mas não tinha tanto jeito, talvez não tenha cultivado esse dom... E a Marina, um dia, chegou lá em casa e falou: “Olha, tem um professor, um senhor mais velho, ele dá aulas de desenho e de pintura. Vamos lá, vamos tentar aprender um pouco”. E nós marcamos a aula no Largo de Coimbra, adro de São Francisco de Assis.

Gélcio: Como essa aula foi marcada?

Ana Maria: Parece que foi a Marina quem marcou. Na época ela namorava um estudante que cursava Engenharia e ele também era interessado. Então nós fomos no sábado à tarde. Eu me lembro que Dôra Passos, minha amiga, havia desenhado uma torre de São Francisco. Eu fiquei encantada. Dôra era solteira e estava se iniciando no desenho, mas sempre teve o dom. Guignard falava meio embolado, era muito gentil, um cavalheiro, tomou as nossas mãos e beijou.

Gélcio: Ele já estava esperando?

Ana Maria: Já estava esperando e tinha mais umas duas ou três pessoas também.

Gélcio: Você se lembra quem era?

Ana Maria: Não, não me lembro, não eram pessoas conhecidas. Fomos até o São Francisco de Assis; ele falou um pouco de Aleijadinho e mostrou a paisagem, em especial as Lajes. Parece-me que ele falou sobre perspectiva e começamos a fazer um esboço tímido. Foi muito bom aquele contato, nós gostamos de ficar ali com ele, pessoa sociável e que nos dava atenção. E marcamos aula para outro sábado. No sábado seguinte houve um casamento ou uma festa, algum acontecimento em família e eu não pude ir. No outro tentamos falar com ele. Alguém da casa nos atendeu, parecia que ele não tinha vontade própria. As pessoas que tomavam conta dele decidiam por ele, falavam e era a última palavra. Então, disseram que ele estava um pouco enfermo, que iria para Belo Horizonte ou já tinha ido e que não haveria aula. E depois daquele dia, uma desculpa, outro sábado, outra, e nós não prosseguimos. Mas foi um contato excelente. No dia que anunciaram sua morte e noticiaram que seria sepultado no São Francisco de Assis, fui ao enterro. E as

pessoas se dirigiam umas às outras e perguntavam se o conhecia. Respondi que era cidadã ouro-pretana e estava ali para prestar a última homenagem. E me lembro também de, em reconhecimento àquela aula, àquele contato tão agradável que tivemos, colocar uma rosa em seu túmulo no dia de finados. E não perco nada que o Museu anuncia sobre Guignard. Cheguei a ler a carta que ele mandou para uma moça por quem havia se entusiasmado, daqui de Ouro Preto. É minha amiga, não sei se devo citar seu nome, mas bem que gostaria que ela doasse a carta para o Museu.

Gélcio: É a Maria José Albergaria?

Ana Maria: É, ela mesma. Eu não ia dizer o nome, mas já que você falou...

Gélcio: Falei porque tivemos contato com essa carta na comemoração dos 15 anos do Museu, quando ficou em exposição. E exatamente daqui a dois dias ela será devolvida, venceu o nosso prazo. Portanto, já é um assunto de conhecimento público e não há problema em citar o fato.

Ana Maria: Talvez quisesse doar ou vender, não sei. Maria José deve ter um carinho todo especial pela carta...

Gélcio: É, não só pela carta, ele deu pra ela um lenço que bordou e uma aliança.

Ana Maria: O contato e o carinho que Guignard teve ficam um pouco impregnadas nessas peças. De modo algum eu a censuro por desejar guardar tudo. Mas se um dia puder pertencer ao Museu, seria maravilhoso.

Gélcio: Você falou da sua impressão a respeito das pessoas que cuidavam de Guignard e sobre esse controle em relação às atitudes dele. Você até cita que parecia que ele não tinha vontade própria. Chegou a conhecer essas pessoas, a freqüentar a casa onde Guignard morava?

Ana Maria: Não. Fui até a casa e me disseram que ele não poderia dar aula naquele dia.

Gélcio: Durante a aula você percebeu um sentido de continuidade? Guignard demonstrou interesse em montar um curso de desenho e pintura em Ouro Preto?

Ana Maria: Sim, tive essa impressão. Além do mais, era uma pessoa que gostava de viver entre jovens.

Gélcio: Na época, quantos anos vocês tinham e o que faziam?

Ana Maria: Eu devia ter uns 22. Marina e Solange, um pouco mais novas. A gente estudava. Fazia inglês também e achava muito bom estar em contato com o pessoal, aprender um pouco mais, embora de maneira tímida, pois viemos de uma geração muito reprimida. Então, mesmo que a gente se entusiasmasse, havia um controle da época, os pais puxavam para trás. Mas eu acho, voltando à pergunta inicial, que era de interesse de

Guignard ter seguidores da obra dele. Alguém que levasse avante aquilo que ele sabia que ia deixar no caminho.

Gélcio: Nesse dia de atividades, Guignard estava sozinho com vocês ou tinha algum amigo, ex-aluno ou algum outro acompanhante?

Ana Maria: Não veio acompanhante diretamente, mas como estávamos no adro da igreja, no Largo de Coimbra, tinha bancos. Acho que as pessoas que o acompanhavam ficavam de bate-papo por ali, de longe, a observar.

Gélcio: Como era o Largo de Coimbra?

Ana Maria: Havia lírios amarelos. As pessoas se sentavam ali para tomar sol, conversar, esperar o comércio abrir. Lembro-me que o nome do Largo foi dado pelo Dr. Theódulo Pereira, em homenagem àquela cidade de Portugal. Era o ponto de encontro do pessoal e tinha uma vista bonita da ladeira de Santa Efigênia, que Guignard gostava de pintar e desenhar.

Gélcio: Mas voltemos aos detalhes da aula. Como é que vocês se prepararam para esse primeiro dia com o professor Guignard? Vocês levaram o quê? Ele pediu alguma coisa?

Ana Maria: Que a gente levasse um caderninho com folhas brancas para desenho, lápis e borracha.

Gélcio: Ele especificou se o lápis era duro, que tipo de lápis...

Ana Maria: Um lápis que tivesse o traço bem marcado, que tingisse bem e uma borracha macia.

Gélcio: Após saírem de casa, você e as amigas do Rio, com o material, desceram até o Largo de São Francisco de Assis e Guignard já estava lá aguardando.

Ana Maria: Exato. E depois pegamos uma *Kombi* para irmos a um outro lugar que não me lembro. Não estou bem certa se foi uma pessoa que nos deu uma carona ou se era o próprio namorado de Marina...

Gélcio: Como foram as conversas durante essa aula? Como iniciou o trabalho, do que você se lembra? Deu alguma referência ou conselho? E com relação à sua metodologia para uma aula de desenho? Qual foi a seqüência adotada, o que ele falou no início, onde vocês se sentaram, havia suporte para papel? Enfim, detalhes que nos possibilitem conhecer como ele conduziu a aula.

Ana Maria: Não me lembro. Sei apenas que estávamos fascinadas pela oportunidade de termos uma aula com um artista tão importante como Guignard.

Gélcio: Guignard era muito cercado por pessoas da elite?

Ana Maria: Não. Ali éramos somente nós, alunos com quem ele trabalhava, grupo que queria aprender com um artista que desejava passar seu conhecimento e técnica com a força da paixão que a arte exercia sobre ele.

Gélcio: E como é que começou a aula?

Ana Maria: Eu me lembro que ele chegou e alguém nos apresentou como alunas novas. Ele veio, pegou a mão de cada uma e beijou...

Gélcio: Isso pareceu estranho ou era normal?

Ana Maria: Para nós pareceu estranho, pois somente via aquilo em filme. Sabíamos que sua educação era a de uma pessoa refinada. Não era costume brasileiro, mas fazia parte do seu modo de ser. A questão da voz, a princípio, foi difícil, não entendia bem o que ele falava.

Gélcio: Sobre o aspecto físico, vocês já tinham visto Guignard na rua, já estavam acostumadas com sua figura ou houve certo choque?

Ana Maria: Não fiquei chocada com sua aparência. Já havia visto Guignard antes em uma *Rural Willys*, duas ou três vezes. No armazém da Praça Tiradentes, nas casas de comércio da rua do Ouvidor. Ele passava de carro, às vezes caminhando. Foi natural o encontro. Também o via lá em Antônio Dias pois fui estudante na *Escola Normal*, que funcionava no local onde existiu o casarão de *Marília*, no Largo de Dirceu. A gente o via por ali, próximo a casa onde morou, naquele bairro. Certa vez encontrei Guignard num concerto, não me lembro se foi no Teatro Municipal.

Gélcio: No desenrolar da aula, você se lembra de algum comentário que ele tenha feito a respeito do próprio trabalho? Enfim, como era seu comportamento como professor? Ele desenhava junto com os alunos ou ficava observando vocês desenharem?

Ana Maria: Ele observava e, de vez em quando, consertava ou firmava um traço da gente. Não era rigoroso. Deixava à vontade. Para utilizar uma linguagem dos dias atuais, eu diria que era uma pessoa bem *light*. Uma pessoa que, talvez pelo lábio leporino, que dificultava a pronúncia das palavras, falava pouco e observava muito.

Gélcio: Quantos eram nesse dia?

Ana Maria: Cerca de cinco a sete pessoas. Havia um moço, não me lembro da fisionomia. Tinha mais gente de Ouro Preto, mas não me lembro. Acho que a Clélia Passos também frequentou. Naquele dia Guignard não pintou nem desenhou conosco. Somente nos observou. Parece que queria ganhar a nossa confiança.

Gélcio: Como é que ele estava vestido?

Ana Maria: Parece-me que um paletó marrom, não muito escuro, abotoado, com um ou dois botões e uma calça, que hoje nós chamaríamos de cor ferrugem, também num tom não muito claro. A camisa era clara e ele não usava gravata.

Gélcio: Vocês chegaram a se encontrar algumas vezes?

Ana Maria: Poucas vezes o vi depois daquela aula, talvez uma ou duas. Tive a sensação que ele me reconheceu certa vez quando eu saía da Matriz. Foi coisa rápida. Outra ocasião ele entrava em casa, em Antônio Dias e eu caminhava em direção à ponte de Marília. Também cruzei com ele subindo a rua do Ouvidor, nas imediações da igreja de São Francisco de Assis. Era uma pessoa de destaque, um artista importante que vivia na cidade, mas sua postura era de uma pessoa simples, que não deixava de cumprimentar os moradores.

Gélcio: Você considera que Guignard teve uma boa integração com a comunidade, com as pessoas de Ouro Preto?

Ana Maria: Não tenho conhecimento de seus hábitos sociais ou se era convidado para as festas locais.

Gélcio: Você se lembra de pessoas de Ouro Preto em companhia de Guignard?

Ana Maria: Lembro-me de um senhor que não era daqui, veio de Belo Horizonte com a família. O filho desse senhor estudava na *Escola D. Pedro II*. O pai era o motorista que dirigia o carro de Guignard.

Gélcio: Você se lembra de Guignard pintando pelas ruas?

Ana Maria: Cheguei a ver uma ou duas vezes. Uma vez, pelos lados do Antônio Dias. Não sei se perto do chafariz de Marília ou se foi de frente para a Matriz de Nossa Senhora da Conceição, na rua do mesmo nome, esquina com a casa do Dr. Edmundo Vieira.

Gélcio: Você se lembra de comentários sobre a obra de Guignard? O que as pessoas diziam sobre a sua obra?

Ana Maria: Eu me lembro de um senhor muito alegre e divertido, que costumava dizer que queria ter dinheiro para três coisas na vida: uma boa cachaça, uma noitada e para comprar uma obra de Guignard.

Gélcio: Quer dizer que você não tem memória do círculo de amigos de Guignard, em Ouro Preto?

Ana Maria: Não, realmente, não tenho. Eu vejo Guignard em três lugares: na sacada da casa de Antônio Dias, com o olhar meio perdido - a gente o via através do vidro; no Largo de Coimbra e caminhando na rua usando a roupa que já descrevi.

Gélcio: Nessa época que estamos tratando, entre os anos 1959 – 62, quando faleceu, você o via pelas ruas bem vestido, com os sapatos engraxados. Sua imagem era a de uma pessoa saudável, que caminhava com facilidade e disposição? Que impressão você teve em relação à sua saúde?

Ana Maria: Ele caminhava devagar, já um pouco cansado e agora, quando você enfatiza “bem vestido”... O paletó marrom e a calça ferrugem já estavam um pouco surrados. Não era um homem que eu classificaria como chique.

Gélcio: Ele já era um pintor famoso?

Ana Maria: Sim. Eu me lembro da morte dele e do momento do sepultamento, no cemitério da igreja São Francisco de Assis. Alguém comentou: “Pena que a fama só chega depois que a pessoa morre”. Talvez a pessoa tenha colocado fama em lugar de valor. Porque a fama ele já havia conquistado.

Gélcio: Você fala que suas amigas vieram do Rio. Como era o verão em Ouro Preto, qual o lazer da cidade?

Ana Maria: Cinema era a diversão, fosse filme bom ou ruim. Íamos a clubes de estudantes, ao *Centro Acadêmico da Escola de Farmácia*, ao *Centro Acadêmico da Escola de Minas*. Às vezes íamos ao adro do Carmo. E a gente ia ver um tipo de flor que acho que não se encontra mais. Ela se chamava “boa noite” e havia também nas igrejas de São Francisco e das Mercês. Era branca e, no dia seguinte, ficava rosada. Outra opção era caminhar em torno da igreja de São Francisco de Paula. Outras vezes descíamos à noite para tomar sorvete e conversar.

Gélcio: E quanto a restaurantes?

Ana Maria: Havia, mas não freqüentávamos. O restaurante e o bar do Hotel Toffolo eram muito concorridos. Era para gente que tinha dinheiro, que já trabalhava.

Gélcio: Você se lembra quais eram os outros hotéis de Ouro Preto?

Ana Maria: Havia o *Grande Hotel*, o *Hotel Toffolo* e diversas pensões: a do Sr. Ari, na rua do Carmo, a do Sr. Liberato, na Praça Tiradentes, onde mais tarde funcionou o Hotel Pilão. A pensão da D. Babi e Sr. Barreto, na rua Conde de Bobadela, mais conhecida como rua Direita.

Gélcio: Se você pensasse em Guignard hoje, em Ouro Preto, onde você o veria?

Ana Maria: No Antônio Dias, com o mesmo olhar perdido e com o sentimento comum a todos nós ouro-pretanos: queremos fazer algo por Ouro Preto, não somos consultados e o sentimento é que estamos de mãos atadas. Não sou contra inovações, mas o patrimônio da cidade deve ser preservado, para que as futuras gerações possam conhecê-lo e usufruir de sua beleza.

Gélcio: Guignard freqüentava missas em igrejas?

Ana Maria: Tenho uma vaga lembrança de sua participação em cerimônia na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias, numa homenagem ao *Aleijadinho*.

Gélcio: Como você vê a obra de Guignard?

Ana Maria: Ele marcou a minha juventude. Tinha sua própria maneira de passar para a tela o que via e como se sentia em relação ao mundo e às pessoas. Guignard deixou muitos amigos e recordações. Lembro-me que recebi a notícia da criação do Museu Guignard em Ouro Preto com muita alegria. Foi uma grande conquista para a cidade.